

O TRABALHOS ASSOCIADOS DAS MULHERES: UM ESTADO DO CONHECIMENTO DAS TESES E DISSERTAÇÕES DO GEPTTE

Sandra Malagón (PPGE/UFMT) – sanpama85@gmail.com

GT 16 – Trabalho e Educação

Resumo:

Falar de produção associada, é entrar num mundo de outras formas de habitar os territórios, de organizar os trabalhos e de cuidar a vida das pessoas e da natureza. Compreendendo-a assim, dá a sensação de falar dum mundo idealizado e simultâneo, mas está imersa na sociedade capitalista, resistindo e ao mesmo tempo contendo contradições. Desta forma, nosso interesse é vislumbrar algumas contradições que emergem em relação as mulheres nesses espaços associativos, a partir dum Estado do Conhecimento de 13 pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Trabalho e Educação GEPTTE, analisando criticamente e à luz dos estudos de gênero, os trabalhos das mulheres nos processos de sustentar a vida associativamente, ressaltando as condições de gênero que definem sua participação e ação, em base das características da produção associada. Como resultados da pesquisa, ainda que parciais, pois são parte de uma dissertação em andamento, inferimos na persistência das representações de gênero nos trabalhos da produção associada, expressados através da divisão sexual do trabalho, e, como uma posição diferente de mulheres e homens nos processos de produzir a vida, ainda não é suficiente para alterar os papéis de gênero, embora, si os potencializa.

Palavras-chave: Produção Associada; Mulheres do campo, Gênero, Divisão Sexual do Trabalho.

1 Introdução

Este artigo apresenta os avanços duma dissertação em desenvolvimento, realizando um Estado do Conhecimento que visa analisar criticamente os papéis sócias de gênero na participação e ação das mulheres nos trabalhos que produzem e reproduzem a vida associativamente, a partir de experiências de produção associada estudadas pelo Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Trabalho e Educação –GEPTTE do Instituto de Educação (PPGE) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

A metodologia utilizada foi do tipo estado do conhecimento, a qual permite a identificação, valoração, interpretação e análises, do conhecimento produzido, num determinado campo temático, durante um período e sector específico (ROMANOWSKI; ENS, 2006; ESCÁRCEGA, 2011, 2013, 2015; SÁNCHEZ, 2014), com técnicas metodológicas do tipo documental.

Portanto, passou-se a mapear as produções acadêmicas produzidas pelo GEPTTE num transcurso de 12 anos, período 2011 - 2021 (Primeiro semestre), localizando 36 trabalhos, sendo 8 dissertações de mestrado, 7 teses de doutorado, 17 artigos e 4 capítulos de Livros. De acordo com isso, o critério de seleção das produções acadêmicas procederam da necessidade de definir a extensão analítica a pesquisar. Assim, se trabalho com as teses e dissertações realizadas no

período de 2012 - 2020, dando um total de 15 trabalhos, chamados daqui em diante, unidades de análises¹.

A seleção deste tipo de metodologia foi definida por permitir uma visão do que as pesquisadoras e os pesquisadores (colegas do GEPTe) produziram sobre os temas que abordam o objetivo de investigação proposto, identificando contradições, possíveis lacunas, contenções ou delimitações nos estudos deles, que possam indicar novos caminhos a serem tomados.

Em vista disso, para uma investigação deste tipo (BOTERO, 2000), no referente ao processo metodológico, necessitou-se definir as seguintes fases metodológicas compostas por os seguintes passos:

Fase 1. Descrição e interpretação

- a. As unidades de análises foram identificadas e sistematizadas e os limites e critérios de seleção estabelecidos;
- b. Posteriormente, foi realizada uma leitura inicial de revisão, resenha e descrição, feita a partir dos resumos das unidades de análises, estabelecendo núcleos temáticos² gerais;
- c. Em seguida, num instrumento chamado matriz de resumo analítico, com uma leitura mais específica, descritiva e interpretativa do conteúdo das unidades de análises, diferentes dados foram coletados, emergindo núcleos temáticos mais específicos.

Fase 2. Análises Crítica

- a. Foi realizada a análise por núcleos temáticos específicos;
- b. Encontro de novos dados relacionados por núcleos temáticos e foram levantadas algumas hipóteses “ou afirmações úteis para a construção teórica” (BOTERO, 2000).

Fase 3. Construção teórica

- a. O conteúdo teórico começou, num primeiro momento indicando dados que evidenciaram possíveis lacunas, limitações ou dificuldades enquanto ao objeto de investigação desta pesquisa;

¹ No contexto dum tipo de pesquisa Estado de Conhecimento, é conhecido como unidades de análise o material documental a trabalhar: textos, livros, teses, dissertações, artigos, etc. (BOTERO, 2000).

² No contexto dum tipo de pesquisa Estado de Conhecimento, os núcleos temáticos são os conceitos-chave ou as categorias. (BOTERO, 2000).

- b. Num segundo momento, a coerência teórica é dada por núcleos temáticos, expressa nos novos conceitos e compreensões deles.

Este artigo está dividido em três partes. Na primeira parte, ainda que brevemente, são expostos os temas geralmente presentes nos estudos produzidos pelo GEPTE, centrando-nos na categoria de produção associada, visto que é uma forma de organização do trabalho que possibilita modos de ser e existir diferentes dos propostos pelo capitalismo, nesse sentido, apresenta condições particulares para uma análise de gênero. Na segunda parte, alguns núcleos temáticos serão expostos, de cara a abordar os papéis sócias de gênero na participação e ação das mulheres na produção associada, pretendido reconhecer a voz das pesquisadoras e dos pesquisadores do GEPTE e oferecendo possíveis compreensões e contribuições às discussões já iniciadas lá; e por ultimo, algumas considerações iniciais são trazidas, entendendo que este trabalho faz parte de outro maior que ainda está em construção.

2 GEPTE – Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Trabalho e Educação

O GEPTE tem uma trajetória de 12 anos, ocupando-se em discutir e analisar as relações entre trabalho e educação, direcionando seus interesses de pesquisa a temas como: trabalho, produção associada, saberes do trabalho/experiência, cultura do trabalho, gênero e trabalho e comunidades tradicionais.

A perspectiva da educação no grupo parte de considerá-la como uma prática social e histórica, como princípio educativo do trabalho, pois é o trabalho que cria o humano na mulher e no homem, sendo a única espécie que deve produzir seus elementos para satisfazer suas necessidades, atuando sobre a natureza e transformando-a (SAVIANI, 2007), utilizando no processo não apenas capacidades físicas, senão intelectuais, o que faz do trabalho um espaço de formação humana, pois ao mesmo tempo que o ser humano transforma o meio natural, o mesmo dialeticamente se transforma a si mesmo.

De tal modo, o GEPTE concebe a educação de forma ampliada, apontando reflexões sobre a produção de saberes decorrentes da experiência do trabalho, dado que o trabalho é uma ação transformadora, consciente e intencional das condições naturais, assim que a possível alteração desta ação, implica a produção de saberes, “[...] mulheres e homens pensam como fazê-lo e ao fazê-lo pensam e, frente às experiências passadas, podem realizá-lo da mesma forma ou alterá-la. E isso é produção de saberes, portanto, é educação” (RAMOS, 2019, p. 48). Cumpre destacar, que a educação não é concebida como atividade restrita ao espaço escolar - sem negar a importância da mesma -, mas sim, como uma dimensão das experiências de organização do

Trabalho associado ou de Produção Associada, ou seja, como princípio da formação humana e da existência.

Conceber a educação e os saberes numa perspectiva ampliada, ou seja, que não se restrinja ao espaço da escola, não implica desconsiderar a importância da reflexão acerca da educação formal, não se trata de estabelecer critérios valorativos entre a educação formal e a educação não formal. Trata-se isto sim, do reconhecimento da existência de espaços diversos aonde os saberes podem ser construídos e dentre esses múltiplos espaços destacamos o da produção ou do trabalho que se constitui no *locus* preferencial das pesquisas realizadas atualmente pelo GPTE³. (CAETANO, 2011, p. 8).

Assim, as pesquisas e os estudos do GEPTE partem dos saberes da experiência provenientes da produção associada, a qual remete a existências comunitárias, autogestionárias, e solidárias, em que os seres humanos criam caminhos de resistência ao individualismo por meio do trabalho coletivo, impedindo a exploração da força de trabalho de outrem; resistindo ao mercado, já que o trabalho não se torna mercadoria; resistindo à competição, porque todas e todos são proprietários dos meios de trabalho e mantendo redes de produção onde todas as pessoas são participantes; e, o não vislumbramento do lucro, já que, a divisão dos frutos do trabalho é igualitária. (CAETANO; NEVES, 2014; TIRIBA, 2006).

Caetano e Neves (2014) explicam que a produção associada é uma das estratégias utilizadas por trabalhadoras e trabalhadores para organizar o trabalho e a vida, com o propósito de assegurar a produção e a reprodução da existência por meio de práticas econômico-sociais e culturais diferentes da racionalidade capitalista, contribuindo na construção dum novo horizonte societário, que promove a emancipação e a autonomia das mulheres e os homens; desse modo, pensar e discorrer sobre produção associada, significa compreender que existem espaços que “se tornam *locus* de resistência” (AZEVEDO, 2020, p.141, *itálico da autora*), existindo “outras formas de produção da vida que não aquela cunhada como única pelo modo de produção capitalista” (TIRIBA; PICANÇO, 2004).

Assim, nesses espaços de trabalho associativo ou produção associada são as próprias pessoas que determinam o que deve ser produzido, como deve ser produzido e quanto deve ser produzido, para a satisfação das necessidades materiais e imateriais básicas individuais como coletivas, em racionalidades que se opõem á destruição da natureza para satisfazê-las, mantendo desse modo, autodomínio e equilíbrio entre produção e consumo. Por isso, a produção associada é vivenciada junto com a produção autogestionada, porque “os

³ Primeira nomenclatura para se referir ao Grupo: Grupo de Pesquisa Trabalho e Educação -GPTE; (CAETANO, 2011). Posteriormente é reconhecido como Grupo de Estudos e Pesquisas em Trabalho e Educação – GEPTE. (SANTOS, 2013). (CAETANO, *apud* RAMOS *et al*, 2018, p. 171).

sujeitos têm autonomia e autodeterminação na gestão do trabalho” (TIRIBA, 2008) “unindo habilidades e conhecimentos [...], podendo, assim, organizar, executar e criar com toda a liberdade, controlando, então, o processo produtivo, distributivo, circulativo e de consumo” (CABRAL, 2021, p.457).

Cabral (2021), explica algumas características intrínsecas ao trabalho associado relacionadas à coletividade dos espaços e os meios de produção, especificando entre espaços coletivizados e coletivos. Os espaços coletivizados são os destinados à “produção de derivados ou para cultivo e criação, também para experiências coletivas de solidariedade como os mutirões e as trocas de jornada de trabalho” e os coletivos são: “[...] a horta comunitária, o engenho de produção, a cozinha coletiva e a Associação; além de outros espaços como a igreja e escola na comunidade”. E respeito a os meios aponta “juntamente com a coletivização destes espaços – pontual ou contínua – há, igualmente, a coletivização dos meios de produção, os quais são: [...] balança de precisão, moedor de cana-de-açúcar, fornos industriais e feitos com barros, [...], carroça e animais de carga” (CABRAL, 2021, p.455).

Desta maneira as trabalhadoras e os trabalhadores administram e organizam o processo do trabalho associativo, tornando-se a força de trabalho individual, quantitativa e qualitativamente, em força coletiva de trabalho. (CABRAL, 2021). Nestes términos, a produção associada apresenta, de fato, novas maneiras e configurações das relações sociais, ao produzir a força de trabalho diferente daquela lógica de produção capitalista; visto que, as forças produtivas do trabalho e as relações sociais de produção fazem dialeticamente relacionadas (NEVES, 2012), e ao potencializar experiências de trabalho solidário, cooperativo, e igualitário; as mulheres e homens vivem, por consequência, relações sociais de novo tipo.

Experiências de produção associada podem ser encontradas em Comunidades e Povos Tradicionais, onde é observada a presença de características próprias dela, por esse motivo o GEPTE opta por estudos e pesquisas empíricas nessas comunidades e povos, porquê embora, estejam imersos no modo de produção capitalista, optam por modos, costumes e concepções de vida que contradizem as práticas dessa produção, concebendo associativamente uma maneira de viver.

Dentre a categoria de povos e comunidades tradicionais, de acordo com Cruz citado por Ramos (2019, p. 54, *itálicos do autor*), estão incluídos:

[...] *povos indígenas, quilombolas, populações agroextrativistas* (seringueiros, castanheiros, quebradeiras de coco de babaçu), *grupos vinculados aos rios ou ao mar* (ribeirinhos, pescadores artesanais, caiçaras, varjeiros, jangadeiros, marisqueiros),

grupos associados a ecossistemas específicos (pantaneiros, caatingueiros, vazanteiros, geraizeiros, chapadeiros) e *grupos associados à agricultura ou à pecuária* (faxinais, sertanejos, caipiras, sitiantes-campeiros, fundo de pasto, vaqueiros).

O GEPTE tem desenvolvido 15 pesquisas empíricas, explicitamente junto a comunidades tradicionais, assentamentos, povos, indígenas e quilombolas, numa trajetória de 12 anos, em que as pesquisadoras e os pesquisadores do grupo, vislumbram e experimentam de perto como se dá o viver, o ser, o habitar, o pensar, nesses povos e comunidades tradicionais, reafirmando as resistências que mantêm para permanecer em seus territórios e para manterem suas existências tradicionais, ancestrais e autóctones.

Diante do exposto, os conceitos e categorias geralmente presentes nos estudos do GEPTE foram apresentados. Agora, para dar conta do estado do conhecimento dos papéis sócias de gênero na participação e ação das mulheres nos trabalhos que produzem e reproduzem a vida associativamente, neste trabalho, quatro núcleos temáticos são levados em consideração: identidades, divisão sexual do trabalho, mulheres e saberes, espaços de produção econômica.

3 A produção associada: entre possibilidades e contradições

Como evidenciamos anteriormente, diversos princípios da produção associada e autogestionada são vivenciados pelas camponesas e camponeses das comunidades e povos tradicionais, porém, assim como há possibilidades em relação aos valores anteriormente citados, existem limitações e contradições que perpetuam e naturalizam o cotidiano de vida e de trabalho dessas pessoas desde os papéis sócias de gênero historicamente atribuídos aos sexos, sendo difícil desconstruí-los, uma vez que a alteração das relações sociais, ainda não é suficiente para alterar os lugares dos gêneros nos processos dos trabalhos, já que essas relações, no só sociais, senão também sexuadas e assimétricas (SOUZA- LOBO, 1991).

Questões intrínsecas observadas na vida das mulheres nos povos e comunidades tradicionais nos estudos do GEPTE, estão relacionadas à categoria de identidade, que constitui “ao mesmo tempo que unidade social, uma consciência do estado de si e do outro. Ela é resultado inesperado das experiências comuns da produção da vida coletivamente, expressa no modo de existir, ser e prosseguir, material e simbolicamente” (SILVA, 2015. P, 41); sendo uma “identidade social dinâmica e constantemente (re) significada na realidade repleta de contradições, como resultado da própria essência humana” (*Ibid*, p.49), expressando identidades específicas que representam uma dada forma de produção e reprodução ampliada

da vida, marcando desta maneira, a forma como as mulheres vivem nas comunidades e povos tradicionais.

Assim, distinguimos múltiplas identidades enquanto às mulheres: mulheres camponesas, mulheres indígenas, mulheres quilombolas, mulheres rurais, mulheres do campo, mulheres rurais associadas, mulheres trabalhadoras rurais, determinadas por os trabalhos que elas fazem, por às relações que têm com a terra, com a família, com a comunidade, com a natureza, com a história, com sua cosmologia, etc; fundindo-se a sua vez, com as múltiplas relações sociais de sexo, gênero, classe e raça/etnia, fundadas em concepções tradicionais “e no mandonismo/coronelismo” (BRITO, CAETANO, CABRAL, p. 121, 2020).

Na construção dessas identidades das mulheres dos povos e comunidades tradicionais, persistem designações e classificações de gênero relacionadas ao lugar social e político delas e dos homens nas relações de produção e nas relações sociais, sendo fortemente atravessadas pelo patriarcado. Esta mesma constatação foi feita por Azeredo (2013); Neves (2017) e Azevedo (2020), no contexto de suas pesquisas no GEPTE, observando espaços de trabalho de produção associada onde estão presentes elementos da cultura patriarcal; Azevedo (2020) em relação à formação dos grupos de mulheres num espaço de apicultura chamado “*Abelhas Rainhas*” no assentamento Roseli Nunes, expressa como para as mulheres, esses espaços podiam representavam um “[...] processo de sair do espaço familiar, doméstico – o que para muitas mulheres pode se constituir como um desafio, em função das relações hierárquicas e patriarcais no interior de muitas famílias” (p. 182).

Por sua parte, Azeredo (2013) expõe as dificuldades que as mulheres dela Associação Comunitária e de Microprodutores Rurais de São Pedro de Joselândia tiveram, em relação a sua participação e atuação naquele espaço, já que cabia a uma só pessoa (uma mulher) a responsabilidade de tomar decisões, conferindo-se uma espécie de poder característico da cultura patriarcal, pois implicava na dependência dessas mulheres a uma figura de poder, expressando nesse sentido a lógica da cultura patriarcal na construção das relações sociais, a autora menciona:

“Percebemos não só nas mulheres que faziam parte da Associação Comunitária e de Micro Produtores Rurais de São Pedro de Joselândia, como nas mulheres da Comunidade, uma dependência do comando patriarcal na tomada de decisões, seguindo uma cultura bastante observada no campesinato. Assim, reproduziam involuntariamente a ideia de que sempre deve existir a figura de alguém comandando o poder. Percebemos que enquanto em casa quem mandava era o marido, o pai ou o avô, na Associação a figura representativa do patriarcado na visão das mulheres era Ozeni, ou seja, ela devia na condição de líder tomar frente na resolução das decisões.

A partir do momento em que esta deixou a Comunidade as mulheres não continuaram o trabalho, possivelmente, devido a perda dessa figura de comando” (p.156)

Neves (2017) também apresenta elementos referentes às construções sociais e culturais de tradição patriarcal no contexto camponês associado, num grupo de mulheres de produção coletiva de frutos do cumbaru, ao respeito menciona:

“O esposo de Elza relatou numa conversa informal que alguns homens derrubaram os pés de cumbaru para que suas mulheres não participassem do Grupo. Esse comportamento assenta na persistência da ideia que a mulher deve se dedicar estritamente as atividades reprodutivas e não buscar sua emancipação social e financeira. Os homens, em questão, com esse ato violento, expressam o poder patriarcal, não respeitando a vontade da mulher e ao mesmo tempo incrementando a desigualdade de gênero.” (p.199-200).

Portanto os espaços de produção associada não são salvos das identidades que atendem aos interesses do patriarcado, sendo interiorizados também pelas próprias mulheres, uma vez que o “tradicional” nas construções socioculturais, cria uma imagem a sua definição dos papéis sociais do gênero, associados ao cotidiano das pessoas, e portanto, aos trabalhos que realizam.

No que diz respeito, especificamente, aos trabalhos das mulheres na produção e reprodução da vida associativamente, foram percebidas algumas contradições que permanecem ainda intocáveis em relação aos papéis sócias de gênero, já que por um lado fica nítida uma divisão sexual do trabalho na produção associada, que se manifesta numa vinculação das mulheres às atividades relacionadas à esfera da reprodução/privada ou de trabalho leve: atividades domésticas e dos cuidados (preparação da comida, os cuidados com o lar) e aos homens à esfera da produção/pública ou de trabalho pesado (atividades que implicam maior força física como as desenvolvidas na roça e no pasto); e por outro lado, se percebe que os limites de tal divisão não são assim de claros, uma vez que “[...] para essas trabalhadoras e esses trabalhadores o que leva a divisão do trabalho é a necessidade [...] (porquanto) todas e todos tem que contribuir com a produção da existência” (NEVES, 2017, p. 169).

Cabe, nesse ponto, chamar a atenção aos critérios de valorização em que se classificam os trabalhos desenvolvidos por mulheres e homens no contexto camponês para considerar uma atividade “pesada” ou “leve” já que nesse contexto, são relativas. Autores como Paulilo (1987), Neves (2017), Brito, Caetano e Cabral (2020), apontam a que a divisão sexual do trabalho no campo é determinada culturalmente, produtivamente e reprodutivamente, segundo as

necessidades e atividades executadas; assim o visto nas produções do GEPTE, as mulheres executam tanto os trabalhos “leves” como os “pesados”.

“Já na roça e no pasto, majoritariamente, estão os homens, o que ocorre, segundo estes, a princípio, em função da capacidade física. Apesar disso, há momentos (como quando há grande demanda e intensificação na produção) em que algumas mulheres precisam realizar ali parte do trabalho. Tal fato pode comprovar que a ausência das mulheres no espaço da roça não se dá, de fato, pela sua reduzida capacidade física, o que não é real. O trabalho sazonal na roça demonstra isso. Além disso, o quintal produtivo e as atividades domésticas demandam bastante força física” (BRITO, CAETANO, CABRAL, 2020, p.127)

Observado também na narração de Azevedo (2020), onde a mulheres preferem fazer um trabalho que envolve mais esforço e força física, como é acender um fogão à lenha “Notamos que, embora houvesse um fogão e botijão de gás na cozinha, elas preferiram montar um fogão à lenha para preparar o cozido que seria servido no almoço” (p. 195).

Sendo assim, os trabalhos das mulheres no âmbito das comunidades e povos tradicionais que vivenciam a produção associada, vivem uma divisão sexual do trabalho, mesmo não sendo sempre imposta, pois as atividades que ocupam as mulheres nos processos do trabalho, em diferentes ocasiões, o que representam é uma valorização delas em relação aos seus saberes, o que implica, neste sentido, que a ocupação desses espaços tradicionais, não representam um opressão social como ocorre em espaços feminizados sob a lógica patriarcal e capitalista.

Isso foi visto, por exemplo, em relação à preparação dos alimentos para festas tradicionais e comemorativas ou nas atividades coletivas do muxirum narradas pelas pesquisadoras e pesquisadores do grupo, onde o trabalho de preparação da comida não representa um papel secundário, visto que cozinhar e compartilhar a comida é algo que possui um significado simbólico e emocional duradouros no tempo; em suma, é um conhecimento tradicional que definido por Diegues (2000) é um “conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural, sobrenatural, transmitido oralmente de geração em geração” (p. 30), do qual as mulheres historicamente têm sido possuidoras.

De tal modo, ao mesmo tempo em que acreditamos que a divisão sexual do trabalho não se impõe a todos os trabalhos das mulheres na produção associada, porém, também afirmamos que os papéis sociais de gênero nesses espaços seguem uma tradição patriarcal.

4 Espaços de produção econômica das mulheres

Parece importante indagar a participação delas em espaços considerados produtivos economicamente, na medida em que as características intrínsecas do trabalho

associado contribui para que “as mulheres desenvolvem seu trabalho no sentido do domínio dos meios de produção de sua comercialização, de subsistir, em busca de autonomia econômica e emancipadora” (POLINI, 2012, p 26). Embora, as construções patriarcais do campo, faze do processo de desenvolver atividades econômicas ou comerciais pelas mulheres trabalhadoras, uma questão ainda atribuída apenas ao sexo masculino. “Historicamente, a agricultura, ao adquirir valor monetário, passou a ser domínio do homem, utilizando-se de justificativas amparadas nas condições físicas e obedecendo a separação da esfera produtiva da reprodutiva que imperava na sociedade” (NEVES, 2017, p. 264).

Esso pode ser visto quando Azevedo expressa: “[...] vemos que a presença feminina em alguns espaços ainda causa estranheza, afinal certas transações são tradicionalmente realizadas pelos homens, como “feiras, compra e venda de animais, [...] comercialização de grandes quantidades de cereais” (2020, p.150).

São diversos os espaços produtivos que geram alguma classe de alternativa econômica, presentes nas comunidades e povos tradicionais, encontrando que a maioria são para a produção das famílias é para a manutenção de suas vidas de forma direta, mediante o consumo ou o compartilhamento, como também para a comercialização, por meio das feiras, fornecimento para mercados locais, venda para pessoas como em alguns casos para intermediários que fazem a revenda.

Brito, Caetano e Cabral (2020), identificam esses espaços organizados, em geral, da seguinte maneira:

- **A casa**, que, para além do lugar de moradia, descanso, lazer, constitui-se em importante espaço de produção. É ali, por exemplo, que é feita a polpa de acerola, farinha de banana (quando não produzida no espaço coletivo em trabalho associado), doces, furrundum, azeite, queijos, remédios naturais, redes, tapetes, panos de cozinha;
- **O quintal** (chamado quintal produtivo), onde se costuma plantar árvores frutíferas (manga, laranja, abacate, caju, cará, batata, figo, banana, acerola, limão, mamãozinho), além de milho, mandioca, e uma diversidade enorme legumes e verduras; ali criam-se animais de pequeno e médio porte como galinha caipira e semi-caipira e porco;
- **A roça**, que em geral produz banana, feijão, milho, cana-de-açúcar, mandioca, vagem, abobrinha, quiabo, maxixe, côco, laranja, mexerica, mamão, manga;

· **E o pasto**, em geral emendado à roça, onde se criam animais de grande porte como a vaca (para o leite principalmente), o boi e o cavalo. (p. 124–125. Destaque nosso)

Localizando os espaços produtivos relacionados às mulheres os feitos na casa e no quintal, visto que se observou que continuamente são elas que os constroem e fazem a manutenção no dia a dia; também por que há uma “ligação das mulheres às atividades relaciona- das à esfera da reprodução” (BRITO, CAETANO E CABRAL, 2020. p.125), considerando dessa forma, esses lugares produto da esfera privada.

É a partir desses espaços, que as mulheres na produção associada geram um excedente que extrapola o consumo da alimentação familiar, gerando possibilidades de trabalho e renda e novas formas de reprodução e manutenção da vida.

Dessa forma, é importante compreender o protagonismo destas mulheres que mesmo sem saber ou às vezes sem estar muito conscientes, expressam novas formas de produzir no seio duma economia capitalista.

Polini (2012), em sua pesquisa com mulheres artesãs, expressa essa possibilidade:

“Podemos dizer que as mulheres [...] desenvolvem uma nova forma de produzir, porque fazem a distribuição igualitária dos resultados de seus trabalhos e porque não sendo trabalho assalariado ele não é visto como mercadoria, não há a relação patrão e empregado, senhor e escravo, [...] é nesse espaço que se percebem como sujeitos da produção social da vida humana e criam e recriam novas relações, não só econômicas e sociais ” (p. 60).

5 Conclusão

Nosso Estado de Conhecimento visa analisar criticamente os papéis sócias de gênero na participação e ação das mulheres nos trabalhos que produzem e reproduzem a vida associativamente, a partir de experiências de produção associada, estudadas pelo GEPT. Analisamos desta forma, os núcleos temáticos que dizem das diversas identidades delas mulheres (dos povos e comunidades tracionais) construídas em coletividade, analisamos às relações de produção, reprodução e as relações sociais atravessadas pelo patriarcado no contexto do campo, assim como a organização de atividades e divisão do trabalho nas famílias na produção associada, como da (re) significação de saberes e afazeres na divisão sexual do trabalho no mesmo contexto, terminando com os espaços produtivos econômicos relacionados às mulheres, que geram um excedente que extrapola o consumo da alimentação de suas famílias, expressam novas formas de produzir associativamente.

Dentro dessa perspectiva, acreditamos que as experiências do trabalho associado fundam aquilo que permite que outras sociedades sejam construídas, ainda que, ao mesmo tempo são permeadas de contradições que permanecem ainda intocáveis em relação aos papéis sociais do gênero, ao nosso ver, tais contradições constituem um ponto de partida possível para uma transformação, reconfigurando o mundo do trabalho e das desigualdades do gênero.

6 Bibliografia

AZEVEDO, Eva Emilia Freire do Nascimento. **Trabalho, Educação e Produção Associada: experiências de jovens e mulheres do assentamento roseli nunes em mirassol d'oeste – mt.** Tese de doutorado. Universidade federal de mato grosso, 2017.

AZEREDO, Eloisa Rosana De. **A Associação Comunitária e de Microprodutores Rurais de São Pedro de Joselândia: um estudo sobre trabalho e produção de saberes.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2013.

BRITO, Flávia Lorena; CABRAL Cristiano Apolucena; CAETANO Edson. **Saúde, Trabalho E Educação Em Comunidades Tradicionais Da Baixada Cuiabana.** Revista Direitos, trabalho e política social, CUIABÁ, V. 6, n. 11, p. 111-135, Jul./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rdtps/article/view/10660>. Acesso em: 20 mai. 2021.

CABRAL, Cristiano Apolucena. **Produção Associada, Autogestionada E Agroecológica Na Comunidade Tradicional São Manoel Do Pari – Mt: Características Contra-Hegemônicas Do Modo De Produção Camponês.** Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 13, n. 2, p. 440-470, ago. 2021. Acesso em: 21 set. 2021.

CAETANO, Edson. **Considerações sobre o binômio trabalho e educação: um olhar pantaneiro.** Revista Trabalho Necessário, ano 9, n. 13, edição especial, p. 1-17, 2011. Disponível em: <http://www.uff.br/trabalhonecessario/images/TN13UFMT.pdf> Acesso em: 20 oct. 2020.

_____. NEVES, Camila Emanuella Pereira. **Entre cheias e vazantes: trabalho, saberes e resistência em comunidades tradicionais da baixada cuiabana.** Revista de Educação Pública, Cuiabá, v. 23, n. 53/2, p. 595-613, maio/ago. 2014. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/1756/1324> Acesso em: 19 fev. 2021

COSTA, Janaina Santana. **Espaços de Esperança: a produção associada da vida na Comunidade São Benedito Remanescente dos Quilombos - Poconé- MT.** Tese (Doutorado em Educação). Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2017.

ESCÁRCEGA, Rigoberto Martínez; **La investigación educativa su epistemología y sus métodos.** Colección estados de conocimiento de la investigación educativa en el Estado de Chihuahua. México: Gobierno del Estado. 2010a. Disponível em: <https://rediech.org/joomla30/images/k2/Estados-6.pdf>. Acesso em: 13 maio. 2021

_____; **Mínimos teóricos en la construcción de estados de conocimiento,** Chihuahua (México), Instituto de Pedagogía Crítica-Doble Hélice Ediciones, col. Cuadernos de pedagogía crítica n. 2, 2011b, 48 pp. Disponível em: <http://ipec.edu.mx/wp->

<content/uploads/2020/02/M%C3%ADnimos-te%C3%B3ricos.pdf>. Acesso em: 10 maio. 2021.

_____ ; reflexiones sobre el concepto de estado del conocimiento. Consejo Mexicano de Investigación Educativa, A. C. 2013c. Disponível em: <http://200.23.113.59:8080/jspui/handle/123456789/939>. Acesso em: 10 maio. 2021.

_____ ; Los estados de conocimiento de la investigación educativa: Su objeto, su método y su epistemología. **La investigación educativa em México**. 2015c. Disponível em: <https://e.exam-10.com/pravo/18479/index.html>. Acesso em: 10 maio. 2021.

GUERINO, Mariana De Fátima. **O movimento dos saberes na produção da vida na comunidade Quilombola Campina de Pedra**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2013.

BOTERO, Consuelo Hoyos. **Guía teórico – práctica sobre construcción de Estados del Arte y Estados del Conocimiento con importantes reflexiones sobre la investigación**. 2000.

MARX, Karl. **Introducción a la crítica de la economía política**, Buenos Aires, Almagesto. 1992.

MONLEVADE, Ana Paula Bistaffa De. **Comunidade Tradicional Raizama Em Jangada/Mt: Produzindo A Existência Associadamente Por Meio De Enxadas, Ralos, Sucuris E Torradeiras**. Tese (Doutorado em Educação). Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2018.

NEVES, Camila Emanuella Pereira. **A produção associada em Capão Verde: entre bananas, saberes e utopias**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2012.

_____. **A Amélia que era mulher de verdade?** Produção associada e relações de gênero em comunidades tradicionais de Cáceres/MT: para além estereótipos e preconceitos. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Mato Grosso, 2017.

POLINI, Ilza Nunes Da Cunha. **Associação “Arte Da Terra”**: Das mãos das mulheres artesãs às relações educativas construídas no processo de autogestão do trabalho. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2012.

SILVA, Iorim Rodrigues Da. **Saberes, Resistência E Existência Do A’uwê U’pitabi Marãiwatsédé-Madzabdzé: História E Dialética Da Materialidade E Imaterialidade**. Tese de doutorado. Universidade federal de mato grosso, 2019.

RAMOS, Anátalia Daiane de Oliveira. **A Produção Associada do povo puruborá, aldeia aperoi – ro: “trabalho de ganhar”, “trabalho de viver”, educação, saberes e resistência**. Tese de doutorado. Universidade federal de mato grosso, 2019.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora; **As pesquisas denominadas do tipo "estado da arte" em educação**. In: Diálogos educacionais. Curitiba, v. 6, n.19, p.37-50, set./dez. 2006. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/albinonunes/disciplinas/pesquisa-em-ensino-pos.0242-posensino/romanowski-j.-p.-ens-r.-t.-as-pesquisas-denominadas-do-tipo-201cestado-da-arte201d.-dialogos-educacionais-v.-6-n.-6-p.-37201350-2006>. Acesso em: 20 fev. 2021.

SÁNCHEZ, César Olavarría; **El estado del conocimiento como estrategia para la elaboración de trabajos recepcionales en posgrado**. Ponencia presentada durante el Congreso Internacional de Evaluación Educativa: Tlaxcala: Universidad Autónoma de Tlaxcala. 2014. (enviada por el al correo)

SANTOS Lirian Keli Dos, **Trabalho, produção associada e produção de saberes na comunidade tradicional Imbê-MT**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2013.

SAVIANI, Demerval. **O trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 152-165, jan/abril, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2021.

SILVA, Iorim Rodrigues da. **Saberes, Resistência E Existência do A'uwê U'pitabi Marãiwatsédé-Madzabdzé: História E Dialética Da Materialidade E Imaterialidade**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Mato Grosso, 2019.

SILVA, Marilia De Almeida. **Por uma cultura latino-américa da produção livre e associada**. O povo chiquitano e a experiência indígena no Brasil. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2013.

SOUZA, William Kennedy Do Amaral. **Experiência, saberes e produção da vida: os trabalhadores e trabalhadoras do assentamento 14 de agosto**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2014.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. **Mulheres: uma nova identidade**. In: SOUZA-LOBO, Elisabeth. A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência. São Paulo, Brasiliense, 1991, p.248. 1991.

TIRIBA, Lia.; PICANÇO, Iracy. **Introdução. O trabalho como princípio educativo no processo de produção de uma "outra economia"**. In: PICANÇO, Iracy; TIRIA, Lia. **Trabalho e Educação: arquitetos, abelhas e outros tecelões da economia popular solidária**. São Paulo: Idéias & Letras, 2004.

TIRIBA, Lia. **Cultura do trabalho, produção associada e produção de saberes**. Educação Unisinos. São Leopoldo, v. 10, n. 2, maio/ago. p. 116-122, 2006. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/6050>. Acesso em: 20 nov. 2020.

TIRIBA, Lia. **Cultura do trabalho, autogestão e formação de trabalhadores associados na produção: questões de pesquisa**. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 26, n.1, 89-94, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10295/9566> Acesso em: 20 nov. 2020.